

ANEXO 3

Tabla de citas de *Populorum Progressio en Medellín*⁴²

	IPa	Pre	1 Cap.	2 Cap.	3 Cap.	II P	Intr	1 Cap.	2 Cap.	3 Cap.	Fin
Introducción				15.20.21							
Justicia						30			46		
Paz					24.26.30.31			53.54	56-61.62	76	87
Familia					16						
Educación				15.16.18.2							
Juventud			10.11		30						
P Popular											
P Elites											
Catequesis											
Liturgia											
M. laicos			9	19	26				57.59		81
Sacerdotes											
Religiosos					32						
For. Clero											
Pobreza Igl.											
P. conjunto											
M. Comunic											

Pe. Angel Sánchez Campos é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em História da Evangelização na América Latina

⁴² Algunos ejemplos de como es citada la encíclica en Medellín, puede ayudar también a percibir la creatividad de los obispos: **-Paz 9ª Nota 5 PP 57:** Mientras la encíclica dice: "Los pueblos pobres permanecen siempre pobres, y los ricos se hacen cada vez más ricos." Medellín prefiere decir: "los países productores de materias primas... permanecen siempre pobres, mientras que los países industrializados se enriquecen cada vez más." De este modo, aparece más claro el dinamismo de explotación. **-Paz 1ª Nota 1 PP 87:** Medellín cita textualmente: "Si 'el desarrollo es el nuevo nombre de la paz'"; la encíclica concluye con entusiasmo: "quién no querrá trabajar con todas sus fuerzas para lograrlo?"; Medellín, en cambio, dice realísticamente: "el subdesarrollo latinoamericano... es una injusta situación promotora de tensiones que conspiran contra la paz." **-Movimientos de Laicos 2ª Nota 2 PP 9:** El texto de Medellín al hacer esta afirmación fuerte se apoya no textualmente en la encíclica: "la toma de conciencia de esta misma situación, que provoca en amplios sectores de la población latinoamericana actitudes de protesta y aspiraciones de liberación, desarrollo y justicia social."

SERMÕES AOS ESCRAVOS: UMA LEITURA AFRICANA DE ANTÔNIO VIEIRA

Pedro Chingandu

INTRODUÇÃO GERAL

No ano dois mil, o Brasil estará comemorando 500 anos de evangelização, marcados não só por proezas mas, também, por naufrágios. Como ler os 500 anos na perspectiva do século XXI? Como promover a reconciliação entre povos e manter a esperança dos oprimidos depois de 500 anos marcados pela colonização e exploração dos povos indígena e negro? Sem dúvida, não podemos comemorar esta data sem fazer memória daqueles que, com seu suor e sangue, ajudaram a erguer o atual Estado brasileiro, os negros.

Este trabalho versa sobre os sermões do padre Antônio Vieira voltados para a realidade dos escravos negros. Como missionário no Brasil colonial, ele se deparou com a realidade dos escravos africanos exportados para este país. Diante desta realidade cruel, ele tentou buscar uma justificativa dentro da sua compreensão teológica, política e econômica. A série dos sermões do rosário faz parte de sua tentativa de explicar a problemática da escravidão negra inserida dentro do contexto da evangelização dos pagãos.

A motivação pelo tema deste artigo *Sermões aos escravos: um leitura africana de Antônio Vieira*, brota de vários fatores: Primeiramente, a escravidão, que mesmo formalmente abolida no século XIX, ainda perdura no continente africano com outras configurações. Num segundo passo, a experiência da escravidão negra que incute em muitos africanos um complexo de inferioridade afetando seu relacionamento com outros povos, sobretudo do mundo ocidental; faz-se mister ir às raízes deste complexo e desmitificá-las. Um terceiro fator que me parece importante é realçar a figura controvertida de Antônio Vieira que manifesta uma ambigüidade paradigmática própria da natureza humana – desejar a liberdade enquanto, por outro lado, mantêm-se estruturas assimétricas. Abordar Vieira é abordar a nossa própria história. Enfim, por ser angolano, sinto-me afetivamente ligado aos escravos vendidos no Brasil, pois a maioria deles era proveniente de Angola. Resgatar a memória dos escravos é também resgatar a memória dos povos de Angola.

Objetividade é um dos princípios que me propus a manter neste texto. Porém, não sei se esse objetivo pode

ser cumprido na sua totalidade. Talvez Freud tenha razão ao afirmar que *todas as pessoas só escrevem sobre si mesmas*. Talvez eu, angolano, tenha escrito sobre mim mesmo; sobre meu sonho de liberdade no período em que Portugal mantinha Angola como sua Província ultramarina; sobre meus sentimentos de frustração quando a independência de Angola não pôde proporcionar-nos a almejada liberdade e bem-estar; sobre minha angústia quando a Igreja africana ou, para ser mais específico, a Igreja de Angola mantém uma teologia salvacionista, espiritualizante, enquanto milhares de angolanos são mortos, perseguidos e condenados à miséria. De todas as formas, espero que esse texto possa contribuir, não só para uma apreciação mais realista da vida de Antônio Vieira, mas também ajudar a repensar, a partir da crise existencial que aflige o continente africano, o futuro de meu país, Angola.

I - ANTONIO VIEIRA E A ESCRAVIDÃO DE SEU TEMPO

1. O tráfico de escravos em Portugal

Portugal já conhecia a escravidão desde os tempos do Império Romano, antes mesmo da península Ibérica ser invadida pelos mouros no século VIII.

Entre os escravos comercializados já se encontravam negros do norte da África.

Porém, a partir do século XV, com a expansão das nações européias, milhares de negros passaram a ser comercializados nos mercados de Lisboa. Desde 1539, Lisboa apresentava anualmente 1000-1200 escravos negros. Na década de 30 do séc. XVI, a cidade de Lisboa tinha aproximadamente 15 mil escravos negros e uma comunidade estabelecida de cerca de 2 mil pessoas de cor livres, das quais a maioria vivia em uma dada vizinhança de cidade.

Os escravos africanos e os homens libertos se encontravam, principalmente, nos centros urbanos e trabalhavam, em sua maioria, em funções domésticas. Alguns exerciam funções comerciais especializadas e não especializadas, embora não em números significativos.

De todas as formas, em Portugal, os escravos negros nunca representaram no máximo 15% da população. Eles coexistiam com outros escravos mouros. Por ser minoria, a comunidade de escravos negros adotou a cultura, língua e religião de seus mestres. Eles passaram a ser chamados de ladinos, diferentes dos boçais. Eram eles que acompanhavam seus senhores nas viagens ultramarinas.

Por outro lado, nas ilhas atlânticas, os escravos negros constituíam o grupo dominante.

2. A escravidão na estrutura socio-econômica do Brasil

Quando os portugueses chegaram no litoral brasileiro em 1500, a escravidão já havia se tornado no principal regime sócio-econômico. Os portugueses que aqui chegaram tinham, como meta principal, gerar riquezas e, rapidamente. Um dos empreendimentos lucrativos nessa época era a produção da cana-de-açúcar, produto muito solicitado nos mercados europeus e de fácil cultivo nas Américas. Em pouco tempo, este fenômeno contagiou centenas de portugueses que se viram seduzidos pelo lucro fácil. Porém, surge um problema. O cultivo da cana-de-açúcar requeria grandes extensões de terras, mas estas terras estavam habitadas por nativos. Era necessário expulsar os nativos de suas terras. Como era de esperar, os nativos resistiram. Muitos foram mortos, outros emigraram para outras regiões do interior. Além de perderem suas terras, os indígenas eram forçados a trabalhar nas plantações sem nenhuma remuneração. Era o início da escravidão dos nativos do Brasil. De povos livres, foram transformados em escravos; de povos com um sistema

econômico de subsistência, foram transformados em instrumentos de produção capitalista.

Milhares morreram nas lutas de resistência; outros milhares morreram de doenças de proveniência européia e milhares morreram de excesso de trabalho e desnutrição.

Com um número reduzido de escravos indígenas, e confrontados com a necessidade de aumentar a produção de produtos tropicais, os senhores dos engenhos recorrem à importação de escravos negros diretamente do continente africano. Este empreendimento contou com o apoio direto das Coroas de Portugal e da Espanha e com a benção da Igreja Católica. Eventualmente, juntaram-se outras nações como a França, a Holanda e a Inglaterra. Companhias foram criadas com o intuito de monopolizar o comércio e aumentar a eficácia do fluxo de escravos como a Cacheu (portuguesa), a Dutch West Indies, a English Royal African Company, além de aventureiros autônomos. Todos interessados em explorar e coisificar o negro. Razões pseudo-científicas e teológicas foram criadas para justificar a escravidão negra, uma das piores catástrofes que este milênio testemunhou.

Do século XV ao século XIX milhões de negros africanos eram forçosamente transportados para as Américas e outros milhões pereciam na travessia.

Segundo P. D. CURTIN, entre 1451 e 1870 nove milhões, quinhentos e cinquenta e cinco mil e cem escravos negros foram exportados para as Américas. Para J. A. Rawley, o número ascende aos 11 345 000¹.

Desembarcados no Brasil, os escravos eram vendidos em praças públicas, leiloados. Os escravos negros eram empregados em qualquer setor onde a produção exigisse maior dispêndio de energia. Logo o negro substituiu o índio como a principal força motriz da economia brasileira, nas moendas e nas lavouras, no transporte de cargas e no desempenho de tarefas domésticas. A economia brasileira estava tão dependente do trabalho escravo que Antonil afirma: "Os escravos são as mãos e os pés dos senhores de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente"².

Em meados do século XVI e XVII a maioria dos negros importados para o Brasil trabalhava nas plantações de cana-de-açúcar e nos engenhos

onde eram submetidos a um regime de trabalho muito rigoroso, visando tirar o maior proveito de suas forças. Este trabalho forçado era garantido por um grande dispositivo de capatazes que aplicavam o princípio aristotélico que exortava: "*Três coisas são a considerar no escravo: o trabalho, o castigo e o alimento*"³.

O sistema escravista colonial contava ainda com mais um aliado, a Igreja. Esta, mesmo tendo um projeto de missão paralelo ao projeto colonial, suas práticas nada mais visavam senão fortalecer o domínio da Coroa sobre os nativos e, posteriormente, sobre os negros. Em primeiro lugar, os próprios missionários jesuítas tinham escravos. Assim, diz Manuel da Nóbrega numa carta enviada ao Padre Geral, Diogo Láinez, a 12 de Julho de 1561:

"Tem também o padre por grande inconveniente, ter muitos escravos, os quais, ainda que sejam todos casados, multiplicarão tanto, que será coisa vergonhosa para religiosos, multiplicando muito sua geração, além de pouca edificação dos cristãos"⁴.

Podemos então afirmar que o Brasil, desde a sua fundação instalou um regime parasitário, explorador da mão de obra escrava para sustentar as ambições extravagantes da Metrópole. Para perpetuar o regime escravocrata, conta não só com o poderio militar das capitânias, mas também com o poder ideológico da Igreja, que através da doutrinação, de devoções religiosas e ameaças do inferno, esperava manter a estabilidade do sistema. Porém, nem sempre esta estabilidade pretendida foi alcançada, pois foram muitas as fugas, e rebeliões dos escravos. Isso faz-nos voltar à pergunta: até quando podemos cativar a liberdade de outrem?

3. *Biografia de Vieira*

- Nasceu em 1608 em Lisboa, Portugal.

- Em 1614 seu pai foi transferido para Salvador para trabalhar no Tribunal da Redação.

- Em 1623 ingressou no Noviciado da Companhia de Jesus em Salvador. De 1623-1633, durante sua formação filosófica e teológica, visitou aldeias de índios onde melhorou seu conhecimento da língua tupi, aprendeu a língua kimbundu falada em Angola e ainda deu aulas de retórica no Colégio de Olinda. Aos 6 de Março de 1633 proferiu seu primei-

ro sermão na Igreja da Conceição, na Bahia, dando início à sua carreira de orador.

- Aos 10 de Dezembro de 1634 foi ordenado sacerdote e em 1637 nomeado professor de Teologia.

- A década dos quarenta do século XVII foi marcante na vida de Vieira, pois ele conquistara a simpatia de D. João IV que o nomeara seu pregador e conselheiro. No mesmo período fora enviado em missão secreta à França e Holanda (1646-1647). Entre os sucessos logrados o próprio Vieira inclui: a criação da companhia de Comércio, a introdução no Brasil das drogas da Índia e a introdução do sistema de frotas de naus grandes equipadas com artilharia.

- Em 1651 Vieira retorna ao Brasil para reabrir a missão jesuítica do Maranhão. Porém, em 1661 as Câmaras de Belém e São Luís expulsaram Vieira e seus companheiros. Em Portugal, Vieira sofre a perseguição da Inquisição que o acusa de heresias. De 1662-1668 é condenado à reclusão e proibido de pregar. Em 1668 consegue a restituição de sua liberdade.

- Aos 27 de Janeiro de 1681 Vieira retorna mais uma vez ao Brasil onde passou a organizar suas obras para publicação. Em 1688, apesar do contratempo, foi nomeado Visitador Geral do Brasil e das Missões.

¹Cf. John F. NÖTHLING, *Pre-colonial Africa*, p. 250.

² André João ANTONIL, *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo: Melhoramentos, 1976. p. 89.

³ARISTÓTELES, *Politique*, op. cit.

⁴Carta de Manuel da Nóbrega ao Padre Geral Diogo Láinez, em 12 de Julho de 1561, in: S LEITE, *Novas cartas jesuítas*. São Paulo: Ed. Nacional, 1940. p. 111.

- Aos 18 de Julho de 1697, com 89 anos de idade, Vieira entregou seu espírito a Deus.

Em todo esse tempo, Vieira deixou 203 sermões e 701 cartas.

II - IDÉIAS-CHAVE NOS SERMÕES DE VIEIRA

Introdução

Na minha leitura dos sermões do padre Antônio Vieira relacionados à problemática da escravidão negra, descobri quatro eixos principais que, no seu conjunto, constituem o projeto socio-político do pensador. São esses quatro eixos ideológicos que serão consubstanciados neste capítulo, a saber:

a) A conformidade com o modo de produção escravista; b) A salvação da alma através da escravidão do corpo; c) A denúncia diante das injustiças; d) A moderação como o ideal almejado.

1. A conformidade com o modo de produção escravista

Segundo Vieira, na cruz de Cristo deu-se o segundo nascimento de S. João e dos negros. A cruz simboliza o sofrimento. Portanto, o sofrimento dos negros (escravidão), os faz parti-

cipar da vida de Cristo. Nesta perspectiva, o caminho para a redenção dos negros passa necessariamente pela submissão ao trabalho escravo. Logo, a escravidão é providencial.

Interpretando hiperbolicamente Atos 8,26-40 para substanciar seus princípios de conformidade com a escravidão negra, Vieira afirma que os negros estão ligados por herança aos mistérios dolorosos porque o primeiro etíope cristão, batizado pelo diácono Filipe, lia a passagem sobre a paixão e paciência de Cristo. Para Vieira, o etíope representa todos os negros que posteriormente se converteram. Portanto, foi Deus mesmo que quis que a fé dos negros nascessem sob o signo da paixão⁵.

Diante do sofrimento a que são submetidos, os negros não devem desconsolar-se, pois:

"[...]Se não só de dia, mas de noite vos virdes atados a essas caldeiras com uma forte cadeia, que só vos deixe livres as mãos para o trabalho, e não os pés para dar um passo; nem por isso vos desconsoléis e desanimeis: orae e meditai os mysterios dolorosos, acompanhando a Christo nelles, como S. João; [...] porque é tal a virtude dos mysterios dolorosos da paixão de Christo para os que orando os meditam, gemendo como pombas, que

o ferro se lhes converte em prata, o cobre em oiro, a prisão em liberdade, o trabalho em descanso, o inferno em paraíso, e os mesmos homens, postos que pretos, em anjos"⁶.

Vieira chega mesmo a exortar os escravos a permanecerem submissos a seus senhores, mesmo diante de maus tratos. Interpretando São Paulo, exorta:

"Escravos, obedecei em tudo a vossos senhores, não os servindo somente aos olhos, e quando elles vos vêm, como quem serve a homens; mas muito de coração, e quando não sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, não seja por força, senão por vontade: advertindo outra vez. que servis a Deus. o qual vos há de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Em fim, servi a Christo"⁷.

Apropriando-se das palavras de São Pedro, exorta:

"Escravos, estae sujeitos, e obedientes em tudo a vossos senhores, não só aos bons e modestos, senão também aos maus e injustos. Esta é a suma do préceito e conselho que lhes dá o principe dos apóstolos, [...] porque nesse estado em que Deus vos

poz, é vossa vocação semelhante à de seu Filho, o qual padeceu por nós, deixando-vos o exemplo, que haveis de imitar"⁸.

Para consolidar o sistema, Vieira recorre à devoção do Rosário que atribui a cada classe o seu devido lugar. Falando aos escravos da perfeição do rosário, afirma:

"[...] porque a perfeição do rosário consiste em se conformar quem o resa com os mysterios que nelle se meditam, gosando-se com os gososos, doendo-se com os dolorosos, e glorificando-se com os gloriosos.(...) Os dolorosos (oiçam-me agora todos) os dolorosos são os que vos pertencem a vós, como os gososos aos que devendo-vos tractar como irmãos. se chamam vossos senhores. Elles mandam, e vós servis: elles dormem, e vós velaes: elles descansam, e vós trabalhaes, e o que colheis delles é um trabalho sobre outro. [...] Sois como abelhas, de quem disse o poeta: as abelhas fabricam o mel, sim; mas não para si. O mesmo passa nas vossas colmeas"⁹.

O grau de conformidade de Antônio Vieira com a escravidão dos negros é, sem dúvida, chocante.

⁶ Ibid., p. 441.

⁷ Sermão XXVII do Rosário, Tomo XV, p. 374.

⁸ Ibid. p.375.

⁹ Sermão XIV do Rosário, Tomo XIV, p. 442-443.

⁵ Cf. ibid., p. 438-439.

2. A salvação da alma através da escravidão do corpo

Munido da base ideológica platônica e estoica e convencido do paganismo irredutível existente na África, Vieira empenhou-se na missão de justificar a escravidão dos negros em terras americanas como meio necessário para alcançar a salvação. Desta forma, como escravos em países cristãos, os negros, além de beneficiarem materialmente as nações européias, teriam a possibilidade de salvar suas almas. No seu primeiro sermão, Vieira, querendo provar que Jesus se tornou salvador na cruz através do sofrimento, afirma:

[...] Cristo quer dizer ungido, Jesus quer dizer Salvador. E quando foi Cristo Salvador, e quando foi ungido? Foi ungido na encarnação, quando unindo Deus a si a humanidade de Cristo, a exaltou sobre todas as criaturas (Sl 44,8). E foi salvador na cruz, quando por meio da morte, e pelo preço de seu sangue, salvou o genero humano (Fl 2,8)¹⁰.

Com isso, Vieira quer consolar os escravos negros que sofrem na carne a tirania dos senhores que seu sofrimento, se suportado na fé, pode merecer-lhes a salvação eterna.

A cruz torna-se essencialmente o meio através do qual os negros alcançam a filiação divina. E esta possibilidade surge graças à escravidão nas terras americanas. E os escravos devem dar graças por serem escravos dos cristãos. Reafirmando nas palavras de Vieira:

"Começando pois pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos paes e vós viveis como gentios; e vos ter trazido a esta, onde instruídos na fé, viveis como christãos, e vos salveis"¹¹.

Dito de outra forma, o cativo dos negros no Brasil, mesmo sofrido, constituía uma graça inédita, pois, através dele, os negros, alcançam a salvação de suas almas. Vieira distingue dois cativos:

a) *O cativo do corpo*, que ocorre por intermédio dos homens, os senhores.

b) *O cativo da alma*, que ocorre sob o domínio do demônio.

O cativo da alma é pior do que o cativo do corpo por ser eterno. Os pretos que já estão sujeitos ao cativo

do corpo pelo destino, devem tomar providências para não perderem também a alma¹².

O corpo é menos nobre que a alma. A escravidão do corpo não diminui a nobreza da alma. Pelo contrário, o sofrimento do corpo pode, à exemplo de Cristo, possibilitar a salvação da alma. A alma nunca pode ser escravizada pelos homens. Portanto, os negros só sofrem meio cativo. Na perspectiva de Vieira, uma das formas através da qual os escravos podem perder também a alma, é quando se recusam ou são impedidos de participar dos sacramentos da igreja, únicos canais da graça de Deus. Esta convicção era tão forte que Vieira não hesitou em criticar seus conterrâneos quando esses impediam os escravos a participar das atividades eclesiais.

"É possível que, por acrescentar mais uma braça de terra ao canaveal e meia tarefa mais ao engenho em cada semana, haveis de vender a vossa alma ao diabo? Mas a vossa, já que o é, vendei-lh'a, ou revendei-lh'a embora. Porém as dos vossos escravos, porque lh'as haveis de vender também, antepondo a sua salvação aos ídolos do ouro, que são os vossos malditos, e sempre mal logrados inte-

resses? Por isso vivem e morrem sem sacramentos: e por isso, se lhes não proibis a igreja, com sutileza de cubiça, que só podia inventar o diabo, não quereis que vão à porta da igreja. Consentis que os escravos e escravas andem em pecado, e não lhes permitis que se casem, porque dizeis, que casados servem menos bem"¹³.

Está mais que claro que a preocupação de Vieira residia no campo espiritual; este espiritual deve ser entendido dentro da concepção dualista que fazia uma dicotomia nítida e categórica entre o corpo e a alma. O corpo, sendo efêmero, não importava muito. Importava sim o destino da alma.

3. A denúncia diante das injustiças

Este eixo ideológico parece constituir uma contradição na postura de Vieira diante do regime escravista consagrado no seu tempo. Naturalmente, perguntamo-nos como seria possível um agente sistêmico denunciar o sistema que ele próprio defendia.

A resposta a esta aparente contradição encontramo-la na vocação missionária de Vieira e nos excessos

¹⁰ Sermão XIV do Rosário, Tomo XIV, p. 416.

¹¹ Ibid. p. 428.

¹² Cf. Sermão XXVII do Rosário, Tomo XV, p. 358.

¹³ Ibid., p.362.

do próprio regime escravista. No sermão da Primeira Dominga da Quaresma, o próprio Vieira confessa ser obrigado pelos princípios cristãos e pela força da verdade a denunciar os desmandos de seus compatriotas. Vieira viu-se impelido, pela fé e pela evidência das injustiças cometidas contra os escravos, a denunciar. Em suas próprias palavras, ele revela:

“Subir ao pulpito para dar desgosto, não é de meu animo, e muito menos a pessoas a quem eu desejo todos os gostos, e todos os bens. Por outra parte, subir ao pulpito e não dizer a verdade, é contra o officio, contra a consciencia; principalmente em mim, que tenho dito tantas verdades, e com tanta liberdade, e a tão grandes ouvidos (...)”¹⁴.

Com relação à imigração dos negros para o Brasil, Vieira a considera uma passagem para a morte anunciada. Comparando esta travessia à travessia feita pelos israelitas através do mar Vermelho, o profeta denuncia:

“Os israelitas atravessaram o Mar Vermelho, e passaram da África à Ásia, fugindo do cativoiro: estes atravessam o mar na sua maior largura e passam da mesma África à América para viver e morrer cativos. Os outros nascem para viver, estes para

servir. Nas outras terras do que aram os homens e do que fiam e tecem as mulheres se fazem os comercios: naquela o que geram os paes e o que criam a seus peitos as mães, é o que se vende, e se compra. Oh trato desumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabólica [...]”¹⁵.

Afinal de contas, os negros não vinham às Américas para salvar suas vidas, mas sim para sacrificá-las. O trato dos escravos pelos seus senhores não escapou à crítica de Vieira que lamenta não só as diferenças sociais entre senhores e escravos, mas também os maus tratos sofridos pelos últimos. Retratando esta situação, lamenta:

“Já se depois de chegados olharmos estes miseráveis, e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dois estados de Job, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntas felicidade e a miseria no mesmo teatro. Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos perecendo à fome; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses”¹⁶.

Os escravos eram tratados duma forma tão desumana e cruel que o pregador coloca em cheque a própria humanidade dos senhores:

“Oh Deus! Quantas graças devemos à fé que nos destes, porque ella só nos captiva o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos contudo vossa justiça e providência. Estes homens não são filhos do mesmo Adão e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Christo? Estes corpos não nascem e morrem como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céu? Não os aguenta o mesmo sol? Que estrella é logo aquela que os domina, tão triste, tão inimiga, tão cruel?”¹⁷.

Sem dúvida, não podemos negar o empenho profético de Vieira. As contradições que transparecem nos seus sermões fazem parte da própria dialética da vida e da vocação missionária, pois o missionário, mesmo tendo uma missão universalista e altruísta, está ligado, por nascimento, a um povo, a uma nação que pode ter ambições imperialistas e nacionalistas que chocam com a missão evangelizadora da Igreja. Assim, o missionário

pode encontrar-se preso nestes dois projetos quase sempre antagônicos. Cabe ao missionário, ter consciência de sua missão e optar por um posicionamento que exige sacrifício, abnegação e que pode mesmo levar à morte.

4. *A moderação como o ideal almejado*

Entendemos moderação como o ideal ético, ausente de extremismos. Os clássicos da teologia chamam esta moderação de *virtude*.

Fica implícito que Vieira não almeja uma abolição da escravidão negra. Ele simplesmente exorta os senhores de escravos a conterem os seus excessos. Uma transformação das estruturas sócio-econômicas estava fora de cogitação, pois como se podia transformar a base estrutural de uma nação instituída pela divina providência?¹⁸

Para sacralizar o regime escravagista, Vieira defende a tese de que tanto os senhores quanto os escravos são filhos do mesmo Deus; se uns nasceram para ser senhores, outros nasceram para servir. Portanto, cada estado de vida tem o seu valor aos

¹⁴Sermão da Primeira Dominga da Quaresma, Tomo XV, p.13

¹⁵Sermão XXVII do Rosário, p. 352-353.

¹⁶Ibid., p.353.

¹⁷Ibid.

¹⁸ Para Vieira, Portugal foi fundado por Deus. Cf. sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as da Holanda, Bahia, 1640, *Sermões V*, p. 310.

olhos de Deus. Por isso, nem os senhores devem maltratar os escravos, nem os escravos rebelar-se contra seus senhores. A devoção do Rosário é instrumental porque permite a cada grupo social conformar-se com sua sorte¹⁹. Assim, seria possível uma convivência pacífica e harmoniosa entre as diferentes classes sociais, cada uma ocupando seu devido lugar.

No sermão da *Primeira Domingo da Quaresma*, temos um exemplo clássico do projeto socio-político de Vieira. Mesmo defendendo a libertação dos índios *mal-havidos*, Vieira estipula critérios formais para o apresamento legítimo de índios. Podiam ser resgatados índios em cordas²⁰, os vendidos como escravos de seus inimigos e os tomados em guerra justa²¹. Analisando a fundo os parâmetros de Vieira, podemos concluir que todos os índios, de fato, eram passíveis de ser escravos. Neste caso, a moderação seria o mecanismo para permitir que os índios livremente se submetessem ao domínio dos portugueses. A única alternativa de liberdade para os índios seria escapar para

o interior das florestas. Ciente das poucas opções existentes para os índios, Vieira revela:

"[...] De sorte que desta forma todos os índios deste Estado servirão aos portugueses; ou como propriamente cativos, que são os de corda, os de guerra justa, e os que livre e voluntariamente quiserem servir, como dissemos dos primeiros; ou como meio cativos, que são todos das antigas e novas aldeias, que pelo bem e conservação do Estado me consta, que, sendo livres, se sujeitarão a nos servir e ajudar a metade do tempo de sua vida"²².

Todos os índios, direta ou indiretamente, estariam a serviço dos interesses do império português. Em troca, os *índios submissos* teriam suas vidas salvaguardadas, ganhariam uma nova e verdadeira religião, e os mais privilegiados receberiam um salário simbólico pelos seus serviços.

A respeito do salário simbólico a ser pago aos índios, Vieira lamenta o fato de muitos portugueses resistirem a esse pagamento. Inconformado alerta:

"O dinheiro desta terra é panno e algodão, e o preço ordinário por que servem os Índios, e servirão cada mez, são duas varas d'este panno, que valem dois tostões! Donde segue, que por menos de sete réis de cobre servirá um Índio cada dia! Coisa que é indigna de se dizer, e muito mais indigna, de que por não pagar tão leve preço, haja homens de entendimento e de christandade, que queiram condenar suas almas e ir ao inferno"²³.

Para Vieira, era necessário pagar este mínimo simbólico para manter a estabilidade na sociedade. A ameaça do inferno não tinha outro objetivo se não o de persuadir seus compatriotas a cumprimento de sua parte neste compromisso, em prol da honra dos lusitanos e da própria sobrevivência do império.

Vieira acreditava que os abusos praticados por cidadãos portugueses podiam provocar reações adversas à Coroa Portuguesa. Cativados injustos, por exemplo, haviam provocado a invasão dos holandeses e a praga da bexiga.

O objetivo principal dessa advertência era inibir os abusos cometidos pelos senhores a fim de minimizar as tensões entre as diversas classes sociais e, assim, manter o regime. O argumento de Vieira enquadra-se den-

tro do raciocínio lógico que tem como máxima: *toda ação provoca uma reação*. Uma ação excessiva provoca uma reação correlativa ... Dentro da mesma ótica, podemos deduzir que as fugas dos escravos negros para os quilombos constituía uma reação aos maltrates sofridos, quer nas plantações, quer nos engenhos de açúcar.

Como podemos evidenciar, a proposta moderadora de Vieira com relação aos escravos índios é muito clara. Podemos resumir-la nos seguintes termos: *escravizar somente índio legitimamente cativo. Todos os índios devem livremente prestar serviços à Coroa e aderir ao catolicismo. Alguns serviços prestados terão uma remuneração simbólica que todos os senhores deverão pagar*.

Quanto aos escravos negros, o proposta de Vieira não é muito clara. Na minha opinião, a proposta moderadora mais concreta que Vieira faz com relação à escravidão dos negros reduz-se a duas cláusulas: *exortar os escravos a permanecerem submissos a seus senhores; exortar os senhores a não maltratar os seus escravos*. De resto já sabemos tudo. Vieira não propõe a libertação dos escravos negros mal-havidos e, muito menos, a abolição da escravidão ne-

¹⁹Cf. *Sermão XIV do Rosário*, Tomo IV, p. 84.

²⁰Por cordas entendem-se aqueles que fossem literalmente encontrados amarrados e prontos para serem comidos por tribos que praticavam antropofagia.

²¹Guerra justa era travada tanto contra os que atacavam as posições dos portugueses, quanto contra aqueles que se recusavam a aceitar o Cristianismo, a nova religião universal.

²²*Sermão da Primeira Domingo da Quaresma*, p.21.

²³*Ibid.*, p.21.

gra. Vieira acredita no merecimento da escravidão dos negros, mesmo abrindo a possibilidade da salvação das almas daqueles que forem obedientes e submissos a seus amos e dos que praticarem as exigências da fé católica.

O projeto moderador de Vieira, no fundo, visava salvaguardar a hegemonia do Império Lusitano sob a tutela do cristianismo protagonizado pela Igreja Católica que, neste tempo, havia assumido características guerreiras típicas da cristandade. Dentro deste projeto hegemônico, era necessário evitar toda e qualquer atitude excessiva porque colocava em risco a estabilidade do próprio sistema. Neste quadro, a religião era fundamental porque possibilitava a sacralização do sistema e coibia atitudes excessivas através da ameaça do inferno.

III - PROPOSTAS PARA UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO EM ÁFRICA

Abordei Vieira, não pelo saudosismo do passado, mas sim para buscar inspiração para enfrentar os desafios que a atualidade africana apresenta. O título, *Propostas para uma Nova Evangelização em África*, ao mesmo tempo que reconhece o trabalho evangelizador já realizado no continente africano, apela para uma Nova Evangelização que leve em conta a nova conjuntura socio-política, econômica e cultural do cenário africano e

do mundo. O apelo a uma Nova Evangelização não constitui somente uma crítica ao processo de evangelizador que ocorreu durante o período da África colonial, mas também enquadrada uma auto-crítica aos processos civis e religiosos que tiveram lugar na África pós-colonial.

Nesta terceira parte abordamos quatro eixos complementares; a) *A difícil luta pela libertação*; b) *A gratuidade como atitude fundamental para a revitalização da sociedade africana*; c) *A urgente opção pelos escravizados de hoje*; d) *Metanóia - a transformação é possível*.

A terceira e última parte deste trabalho está voltada para atualidade africana, em geral, e angolana, em particular. Abordei Vieira não para voltar ao passado, mas sim para buscar inspiração para o futuro. Preocupa-me o futuro do continente africano. Procurei mostrar que desde o século XVI a África deixou de viver para si, cooptada como foi, pelos projetos de outros povos. Apesar da independência política, os países africanos manifestam uma realidade desoladora nos campos econômico, político e social. As guerras civis proliferam-se em todos os cantos; a pobreza generaliza-se; o índice de mortalidade é um dos maiores no mundo; o número de refugiados não pára de crescer; a repressão política e militar está na ordem do dia. Enfim, a escravidão africana parece perpetuar-se.

Diante deste quadro, faz-se urgente a busca de alternativas para restituir a dignidade aos povos africanos. Primeiro, temos de reconhecer que o processo de libertação é difícil. Não basta uma mera troca de dirigentes políticos. Em segundo lugar, as políticas neo-liberais sustentadas pela dinâmica da mais-valia, só vão aumentar a marginalização de povos já empobrecidos. A África tem que reinstaurar modelos econômicos baseados na gratuidade, na reciprocidade e na corresponsabilidade. Esse modelo não precisa ser importado porque o passado histórico dos povos africanos é marcadamente comunitarista. Para que esta metanóia aconteça, é necessário conjugar forças num grande macro-ecumenismo.

Acredito firmemente que a África tem um futuro brilhante. Seus recursos naturais ainda abundam; seu potencial humano é crescente. Porém, é necessário criar estruturas materiais e psicológicas que possam canalizar efetivamente essas potencialidades. É aqui que entra o papel da Igreja como mediadora, facilitadora e educadora. Porém, para que ela possa desempenhar eficazmente seu papel, a Igreja africana também precisa definir e resgatar a sua identidade. Ela não pode ser uma imagem de outra igreja. Ela tem que ter sua própria identidade. Só assim ela poderá dar uma contri-

buição determinante aos problemas que afligem o continente negro. Neste sentido, o papel da Igreja seria equivalente ao de uma parteira que ajuda uma mulher a dar à luz seu próprio filho. Resumindo, o continente africano passa por uma crise de identidade. Ele precisa reencontrar-se para poder achar seu lugar no concerto dos povos. E este processo não é fácil, como a própria história nos revela. Portanto, a luta é constante.

Os Bispos brasileiros, nas diretrizes a "Santo Domingo" propuseram um pedido de perdão aos indígenas e aos afro-americanos da seguinte forma: "Em atitude penitencial como pastores:

- pedimos perdão aos povos indígenas e aos negros americanos pelas vezes que não soubemos reconhecer a presença de Deus em suas culturas;

- pedimos perdão pelas vezes que confundimos evangelização com imposição da cultura ocidental;

- pedimos perdão pela tolerância ou participação na destruição das culturas indígenas e africanas;

- pedimos perdão aos negros americanos pelas vezes que nos servimos do Evangelho para justificar sua escravidão;

- pedimos perdão pelas vezes que nos beneficiamos desta escravidão nos conventos, paróquias ou cúrias²⁴.

²⁴CNBB, *Das diretrizes a Santo Domingos*, São Paulo: Paulinas (Doc. da CNBB 48, 1992. n. 32-37).

Evidentemente, um mero pedido de perdão, se não for acompanhado por uma atitude de conversão sincera, não significa nada. De todas as formas, a atitude penitencial dos bispos já constituiu um grande avanço, por parte da Igreja, no reconhecimento da sua cumplicidade com a exploração injusta dos povos indígena e negro.

CONCLUSÃO GERAL

Nada no mundo é estático. Tudo muda; a história é dinâmica; nós também mudamos ou somos transformados pela conjuntura que nos cerca. De todas as formas, a história é ainda determinada por aqueles que controlam os meios de produção. Para esses, os pobres, os negros, não contam. Oponho-me a essa ideologia estigmatizante e excludente.

Historicamente, nos movemos ao longo de um triângulo vicioso entre o atrelamento ao sistema oficial (ao sistema colonial, ao neoliberalismo, ao socialismo real), a criação de um sistema próprio (cristandade, igreja, ordem religiosa, partido cristão, tribalismo) e a denúncia profética com baixo teor sistêmico, porém, com pouca visibilidade institucional e eficácia histórica. É como se estivéssemos num beco sem saída²⁵. Na vida real, as três tendências se interagem.

Antônio Vieira, através de suas vitórias, derrotas e ambigüidades ajuda-nos a descobrir as nossas próprias contradições, que por sinal, não estão desligadas da própria conjuntura socio-estrutural. Mesmo sendo frutos do passado, podemos ultrapassar a história. Dizia Antônio Vieira, "Quem se faz escravo, permanece escravo para sempre porque, se é salvo por alguém, torna-se escravo de quem o salvou". Em outras palavras, não podemos permitir que sejamos escravos de ninguém para não permanecermos escravos. Deus nos criou para a liberdade.

O estudo da nossa história, além de proporcionar o conhecimento do passado, também nos ajuda a não repetir os erros do passado. Felizes todos aqueles que, apesar de suas limitações existenciais e culturais, são capazes de partilhar sua vida com outros povos, não para exportar seus sonhos mas, sim, para ajudar os povos à redescoberta de seu próprio sonho – o sonho da liberdade.

Pedro Chingandu é Mestre em Teologia Dogmática com Concentração em Missiologia, pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, SP.

²⁵Palavras de Paulo Suess contidas no artigo intitulado: "Desafios da Vida Religiosa desde a perspectiva dos 500 anos de evangelização," publicado na revista "Convergência-500Conv99".

OS MINISTÉRIOS NO NOVO TESTAMENTO

Pe. Antonio Dalla Costa

1. INTRODUÇÃO

Etimologicamente, a palavra ministério significa serviço. "Este conceito de ministério como serviço é visto nas palavras *diakonio* (servir) e *douleuo* (servir como escravo), com seus substantivos correspondentes. A palavra *hiperestes* indica alguém que presta serviço de bom grado"¹. Em termos bíblicos, o conceito de ministério é o de serviço prestado a Deus ou às pessoas, e é empregado para designar as tarefas assumidas, em caráter permanente e oficial, com o objetivo de servir o Evangelho e a comunidade cristã.

Ao buscarmos a organização ministerial das primeiras comunidades, percebemos que sua imagem não é muito clara nos escritos do Novo Testamento. Porém, o que não se pode deixar de constatar é que todos os seus escritos atestam a existência de carismas ou de Ministérios no sentido mais amplo da palavra. Existem ações ou funções necessárias à vida das Igrejas que são conferidas a homens ou mulheres que passam a distingui-se, pelo exercício das mesmas, dos

demais membros da comunidade. A comunidade tem consciência de que pode conceder a si própria aquelas formas de serviço ou ministério de que precisa para ser fiel à sua vocação evangélica e à missão recebida (cf. At 6,1ss). Estes Ministérios, no entanto, têm sempre origem nos dons ou carismas que o Espírito suscita para o bem comum e para a edificação do Corpo de Cristo (cf. Hb 2,4; 1Cor 12,11). Estes Ministérios não representam poder ou dignidade, mas entrega, doação de vida pela causa de Jesus e pela causa dos excluídos.

Esta força de dispor de sua própria vida vinha do testemunho que Jesus de Nazaré dera, que "*Sendo rico, se fez pobre*" (2Cor 8,9), sendo Deus se fez o servidor de todos. Podemos concluir que é do Ministério de Jesus que brotam os Ministérios de todos os seus discípulos.

Vejamos, inicialmente, como Jesus desempenhou seu ministério. Em um segundo momento nos deteremos a analisar os ministérios que nascem entre os primeiros seguidores de Jesus.

¹ Walter A. ELWEL, *Enciclopédia histórico-teológica da Igreja Cristã*, Vol. II, p. 523.